Dia 7 — São Vilibaldo, Bispo

Foi inglês de nação e de casa mais recomendável na Igreja por ser família de santos que no mundo por sua elevada nobreza; porque Ricardo, seu pai, Vinibaldo, seu irmão, sua irmã Walburga e seu primo Bonifácio, bispo de Mogúncia, todos recebem culto nos altares, e leem-se seus nomes no martirológio.

Nasceu nosso santo pelos anos de 700; e, como eram tão virtuosos seus pais, não esperaram que chegasse o uso da razão para inspirar-lhe amor à virtude e horror ao vício. Aos três anos caiu perigosamente enfermo e, experimentando-se inúteis os remédios naturais, recorreram seus virtuosos pais aos sobrenaturais. Levaram o menino ao pé de uma cruz que estava perto de sua casa e, fazendo fervorosa oração, prometeram a Deus que lhe consagrariam o menino num mosteiro, se Sua Majestade se dignasse dar-lhe saúde. Era então costume entre os ingleses, particularmente entre a gente de distinção e poderosa, erigir grandes e formosas cruzes, assim em suas possessões como nos lugares públicos, para fazer oração diante delas, como ainda hoje se observa em todos os países católicos, ainda que em uns mais que em outros.

Aceitou Deus a oferta dos piedosos pais e ouviu suas orações, concedendo ao menino pronta e repentina saúde, que se teve por milagrosa. Seu pai Ricardo o deteve como em depósito em sua casa até que completasse cinco anos; mas, apenas os completou, entregou-o a Egbaldo, abade de Waltheim, que o fez educar com o maior cuidado no mosteiro. Custou pouco inclinar-lhe a todos os exercícios de piedade e, em breve tempo, fez tão grandes progressos que se conheceu bem o especial amor com que olhava Deus aquele menino.

Mal contava doze anos quando já o propunham por modelo de vida religiosa aos mais antigos. Todos os seus anseios eram pelo céu, estando cheio de Deus seu ternozinho coração; e, para inflamar-se mais no fogo do amor divino, aprendeu de memória todo o Saltério.

É indizível a estima que mereceu em toda a abadia de Waltheim, não sendo menos respeitável por sua inocência e por sua virtude que ternamente amado por sua modéstia, por sua pontualidade e por seu dulcíssimo gênio. Não havia monge que nos tempos de recreio não se achegasse a Vilibaldo para gozar de seu amabilíssimo trato. Desagradou-lhe muito esta geral estima, em vez de lisonjeá-lo, e pareceu-lhe que seria mais conveniente para sua maior perfeição afastar-se de sua pátria e viver onde não fosse conhecido.

Era naqueles séculos muito ordinário aos ingleses ir a Roma por devoção e peregrinar a outros lugares que tornava célebres na cristandade o piedoso concurso dos fiéis. Persuadiu-se Vilibaldo de que lhe mereceria singulares graças do céu o visitar em Roma os sepulcros dos santos apóstolos São Pedro e São Paulo; e logrou também persuadir a seu pai Ricardo e a seu irmão Vinibaldo que lhe fizessem companhia naquela devota viagem. Facilmente conseguiu a licença de seu abade; mas não lhe foi tão fácil consolar a seus irmãos. Em meio disso, o desejo e a esperança de conseguir por intercessão dos santos apóstolos grandes auxílios para sua santificação fizeram-no

vencer todas as dificuldades, e partiu com seu pai e com seu irmão no ano de 721; mas logo moderou Deus o gozo que teve o santo em sua piedosa peregrinação. Morreu seu pai Ricardo no caminho e foi enterrado em Lucca, na Toscana. Continuaram sua romaria os dois irmãos e chegaram felizmente a Roma, onde se detiveram quase um ano para satisfazer sua devoção.

Bem queria Vilibaldo levar mais longe seu querido irmão; mas este se viu obrigado a voltar à Inglaterra; e, tendo-se separado os dois com demonstrações da maior ternura, juntou-se nosso santo a outros dois ou três jovens ingleses que encontrou em Roma e peregrinou com eles a visitar os santos lugares de Jerusalém. Necessitaram todos de muito esforço para tolerar as fadigas e trabalhos do caminho; mas os sustentou sua devoção. Aos trabalhos forçosos acrescentaram as penitências voluntárias; viviam de esmola, dormiam sobre a dura terra, sua comida era pão e água.

Para maior aumento de suas penas, permitiu o Senhor que em Emesa, cidade da Fenícia, os tomassem por espiões, os prendessem e os carregassem de prisões; mas sua divina e amorosa providência não se esqueceu deles. Viu-os em uma ocasião um mercador rico da mesma cidade, fez que lhe referissem suas aventuras, e dispôs Deus que se agradasse tanto de sua modéstia e de tal maneira se compadecesse de sua desgraça que ofereceu aos sarracenos tudo o que lhe pedissem por sua liberdade; mas, impressionados estes no conceito de que eram espiões, nada pôde conseguir deles; pelo que unicamente dedicou todo o seu cuidado a suavizar-lhes e aliviar-lhes, quanto lhe foi possível, os trabalhos e as penalidades da prisão. Enviava-lhes todos os dias, pela tarde e pela manhã, quanto haviam mister para sustentar-se e tinha grande cuidado de que um filho seu os visitasse com frequência. Chegou a tanto sua caridade que saiu por fiador para que se lhes desse liberdade algumas vezes, podendo sair todos os domingos a visitar uma igreja, onde passavam uma boa parte do dia; e, tendo assistido aos divinos ofícios, restituíam-se depois a sua prisão.

Por ocasião destas frequentes saídas, deram-se logo a conhecer os três jovens ingleses. Admiravam todos sua aprazibilidade, sua devoção e sua modéstia; iam atrás deles até a igreja; saíam para vê-los à porta da rua, e cada um desejava saber o motivo de sua desgraça. Entre todos, um espanhol estabelecido em Emesa informou-se deles mesmos, tanto de quem eram como dos sucessos de sua vida, e ofereceu-se a prestar seus bons ofícios junto ao rei dos sarracenos. Era um irmão seu fidalgo de câmara deste príncipe e de grande valimento na corte, por cujo meio conseguiu que se lhes desse liberdade e se lhes deixasse prosseguir pacificamente sua viagem.

Conhecendo os muitos favores que deviam tanto ao mercador de Emesa como ao espanhol, explicaram seu reconhecimento mais com lágrimas que com palavras; e, dando-lhes vivíssimas mostras de sua eterna gratidão, despediram-se de seus benfeitores e partiram para a Palestina. Viram devota e cuidadosamente tudo quanto podia contentar sua piedosa curiosidade; e, não satisfeitos com visitar os santos lugares santificados com a presença do Salvador, quiseram ver também os mais célebres mosteiros da Terra Santa, onde mais resplandecia a perfeição evangélica. Favorecia Deus a Vilibaldo com dulcíssimos consolos; mas ao mesmo tempo os misturava também com as mais amargas provas. Fazendo um dia oração na igreja de São Matias, perdeu de repente a vista, e assombraram-se seus companheiros ao ver a resignação com que levou este trabalho. Não alterou um ponto a alegria de seu coração nem de seu semblante a perda

dos olhos; e, voltados a Jerusalém, estando na igreja da Santa Cruz dois meses depois, recobrou a vista tão inesperada e tão repentinamente como a havia perdido. Em São João de Acre deteve-o algum tempo uma dolorosa enfermidade; mas nunca se desmentiu sua paciência e, apenas recebeu a saúde, embarcou com seus companheiros para a Itália.

A fama que tinha no mundo o Monte Cassino, acabado de reparar a esse tempo pelo papa Gregório II, não podia deixar de chamar a devota curiosidade de Vilibaldo. Achou nele muito poucos monges; mas edificou-o tanto seu fervor que se resolveu a aumentar seu número e foi recebido com gozo universal de todos, juntamente com um de seus companheiros. Dez anos viveu no mosteiro, onde com seus exemplos se renovou o primitivo espírito de seu santo instituto. Encomendaram-lhe os primeiros ofícios da casa, que desempenhou muito à satisfação e com geral aplauso dos monges. Gozava quieta e pacificamente as deliciosas doçuras da solidão quando se viu obrigado a deixá-la. Pelo grande conceito que se tinha de sua eminente virtude, lançou o abade mão dele para enviá-lo a Roma a negócios do mosteiro. Logo que chegou, informado o papa de seu talento e de sua muita santidade, mandou-o partir para a Alemanha, dirigindo-o a São Bonifácio, que era primo do mesmo Vilibaldo. São Bonifácio não quis que estivesse oculto por mais tempo aquele tesouro e ordenou-o sacerdote. Com o sagrado caráter cresceu o esplendor de sua virtude e em breve tempo se reconheceu que Vilibaldo era tão poderoso em palavras como em obras; porque, tendo-se-lhe encarregado o cuidado da igreja de Eichstätt, na Baviera, fez tanto fruto com seus exemplos e com seus sermões que São Bonifácio o sagrou bispo dela. Teve muito que padecer sua humildade quando se viu em dignidade tão elevada; mas ao mesmo tempo excitou todo o seu zelo. Haviam arruinado os hunos aquela cidade, e experimentavam-se lastimosamente na religião os estragos dos bárbaros. Não é possível dizer quanto trabalhou e padeceu para arrancar a maleza daquela terra inculta; necessitou de toda a sua doçura e de toda a sua heroica paciência para superar as dificuldades; mas por fim saiu com seu intento. Em menos de seis meses mudou de semblante toda a diocese de Eichstätt; restabeleceu a disciplina em seu primitivo fervor, reformou os abusos, emendou os costumes, e viu-se reinar em todas as partes a cristã piedade.

Era o caráter de nosso santo uma compassiva caridade com o próximo, que o fazia amável a todo o mundo. Seu maior gosto era exercitá-la, e nunca se mostrava mais alegre que quando servia em algo aos miseráveis. Tinha um singular dom para consolar os aflitos; porque sua pessoa, seu ar, suas palavras, seus mesmos gratíssimos modos, tudo consolava. Queria estar minuciosamente informado das necessidades de todos os particulares, compadecendo-se tanto das misérias alheias que podia dizer com São Paulo: *Quem está aflito que eu não o esteja com ele? Quem está enfermo que a mim não me quebrante o coração?* Mas a doçura era somente para os outros; para si reservava toda a severidade. Logo que acabou de construir sua catedral, reuniu uma comunidade de religiosos, com os quais vivia observando toda a exatidão e toda a severidade da regra monástica e praticando os mesmos exercícios e a mesma penitência que fazia no Monte Cassino. Enfim, depois de ter trabalhado quarenta e cinco anos em regrar e em santificar sua diocese com um zelo verdadeiramente apostólico, morreu em Eichstätt em 7 de julho do ano 787, aos 87 de sua idade, consumado no exercício de todas as virtudes e sumamente pranteado de todo o seu povo.

São Firmino, Bispo e Mártir

Foi São Firmino natural de Pamplona, e sua família uma das mais nobres do país. Ocupava seu pai Firmo um dos primeiros cargos no governo da cidade e do senado, nem era de menos ilustre nascimento sua mãe Eugênia; mas ambos tinham a desgraça de ser idólatras, como todo o resto da cidade, na qual ainda não se havia anunciado o Evangelho. Iam um dia juntos ao templo de Júpiter para oferecer-lhe sacrifícios em companhia dos demais cidadãos e, no caminho, por ditosa disposição da divina Providência, encontraram um sacerdote de Jesus Cristo chamado Honesto, que estava pregando ao povo o Evangelho da salvação. Detinha-os a curiosidade de ouvir o estrangeiro, cuja gravidade, cuja doçura e cuja modéstia lhes levou desde logo toda a atenção, mas muito mais os arrebataram as novas e grandes verdades que anunciava. Acabado o sermão, suplicaram-lhe que se servisse ir a sua casa para explicar-lhes mais devagar e mais em particular o mesmo que em geral e rapidamente lhe haviam ouvido anunciar à multidão. Condescendeu gostoso Santo Honesto, passou à casa de Firmo, e este lhe perguntou quem era, de onde vinha e com que autoridade pretendia exterminar a antiga religião que todos professavam para introduzir outra nova. Respondeu a tudo generosamente que era cristão, que vinha de Toulouse, que com muita honra sua era capelão do santo bispo Saturnino, o qual o havia enviado para dissipar as trevas do erro em que viviam e para descobrir-lhes o caminho da vida eterna. Encantado o senador de sua santa conversação, manifestou-lhe o gosto que teria em conhecer e tratar o bispo Saturnino, dando esperanças de que receberia o batismo. Prometeu-lhe Honesto que lhe cumpriria este gosto e que solicitaria que o viesse ver o santo bispo. Com efeito, sete dias depois entrou em Pamplona São Saturnino. Logo que pregou publicamente a Jesus Cristo, converteram-se à fé quarenta mil pessoas, a exemplo de Firmo, Fausto e Fortunato, todos três senadores e primeiros magistrados da cidade. Edificou-se uma igreja, que em poucos dias foi necessário fazer mais capaz, e em breve tempo abraçou a religião cristã toda a cidade de Pamplona. Voltando São Saturnino a Toulouse, deixou a cargo de Honesto o cuidado daquele rebanho, cujo principal ornamento era Firmo e toda a sua família, pelo zelo e pela piedade que resplandecia em toda ela.

Tinha Firmo um filho chamado Firmino, que a esse tempo só contava dez anos de idade; e, desejando assegurar-lhe uma santa educação, entregou-o ao ensino do santo presbítero Honesto, de cujas mãos havia recebido o batismo o mesmo menino Firmino. Dirigido por tão nobre mestre e ajudado de seu excelente engenho e de seu belo natural, fez Firmino em breve tempo muitos e muito rápidos progressos. Descobriu desde logo como uma natural inclinação a tudo o que é bom; tanto que, por sua virtude, por sua terna devoção e por seu amor à pureza, reconheceram todos tê-lo destinado Deus para ser com o tempo digno ornamento da santa Igreja. Foi admitido no clero à mesma entrada de sua florida juventude e, aos dezoito anos de sua idade, já pregava com admiração do público, quando a avançada idade e os achaques de Santo Honesto não lhe permitiam exercer este ministério. Crescendo com os anos a virtude e manifestando-se cada dia mais e mais seu singular talento, determinaram seus pais enviá-lo a Toulouse para que, sob a disciplina de Honorato, bispo daquela cidade e sucessor de São Saturnino, se aperfeiçoasse no estado eclesiástico. Edificado o bispo de Toulouse, tanto da virtude como do extraordinário mérito do discípulo de Santo Honesto, e conhecendo suas eminentes e raras prendas, resolveu elevá-lo às sagradas ordens; e, desprezando a resistência de sua profunda humildade, ordenou-o primeiro presbítero e depois o sagrou bispo de Pamplona. Enviou-o a cuidar de seu rebanho e, ao despedi-lo, disse-lhe: «Alegra-te, caríssimo irmão, porque Deus te escolheu para vaso de eleição. Sendo já pastor das almas, pela graça do Senhor, parte imediatamente a ter cuidado de tua grei e desempenha com fidelidade o sagrado ministério que Deus te confia em tua consagração.»

Não se podem explicar as demonstrações de alegria com que foi recebido de seu povo. Começou logo a exercer as funções de seu estado; e, desde que se deixou ver no púlpito, conheceram todos que Deus lhes havia dado por pastor um novo apóstolo. Percorreu logo toda a diocese, fazendo-se tudo a todos para ganhá-los a todos para Jesus Cristo. A mesma idolatria, que estava como entrincheirada naquelas faldas dos Pireneus, parecia que ia fugindo diante de São Firmino. Arruinou muitos templos, fez em pedaços os ídolos, e foi tanto o número das conversões que em muito breve espaço de tempo se encheu todo o país de fervorosos cristãos.

Animado seu zelo com tão felizes sucessos, julgou ser estreito campo toda a Navarra para dar pábulo aos incêndios de seu ardor. Ordenou suficiente número de presbíteros para que cuidassem daquela nova cristandade; e, penetrado seu coração com as palavras de Cristo: *Ide e ensinai a todas as nações*, resolveu partir para levar a luz da fé aos gentios, esperando achar entre eles a coroa do martírio. Entrou nas Gálias, onde estava furiosamente acesa a perseguição contra os cristãos; e, chegando à cidade de Agen, encontrou-se com um santo presbítero chamado Eustáquio, que o deteve algum tempo para confirmar os fiéis na fé e dispô-los para a perseguição, que, à maneira de um fogo violento e arrebatado, se ia estendendo por todas as Gálias. Saiu de Agen e passou à Alvérnia, desafiando os perigos, pregando a fé de Jesus Cristo com uma intrepidez que admirava aos mesmos pagãos e atacando a idolatria até naquelas fortalezas em que reinava com maior império.

Achando-se numa cidade da Alvérnia, teve uma célebre disputa com dois gentios dos mais considerados e dos mais obstinados, que se chamavam Arcádio e Rômulo. Mostrou-lhes São Firmino tão clara e tão evidentemente a loucura e os erros do paganismo, fazendo-lhes ao mesmo tempo tão palpável evidência da verdade e da santidade de nossa religião, que os converteu e, tendo-os instruído, conferiu-lhes o batismo: conquista que ganhou para Jesus Cristo a maior parte dos povos daquela nação. Animado o santo apóstolo a empreender novos trabalhos com estas conquistas, trasladou-se a Angers, onde em quinze meses de residência conseguiu grandes vitórias sobre a idolatria, fazendo entrar no rebanho de Jesus Cristo um imenso número de ovelhas escolhidas. Como nenhum estorvo era capaz de deter nem de moderar a atividade de seu zelo, apenas ganhava um povo para Jesus Cristo, corria a outros para plantar neles o estandarte da fé. Não é fácil explicar quanto padeceu nestas excursões apostólicas. Viu-se privado de todo humano consolo, acabrunhado de fadigas, agobiado do peso dos trabalhos, perseguido e maltratado dos pagãos e em contínuo perigo de vida; mas nada foi bastante para pôr limites a seu fervor e a seu zelo. Da província de Anjou passou à da Normandia, onde espalhou por todas as partes as luzes da fé, fazendo tão prodigiosa multidão de conversões que com razão se lhe pode apelidar o apóstolo daquela província, como de muitas outras.

Crescendo em Firmino cada dia mais e mais o fervoroso desejo de derramar seu sangue pela fé de Jesus Cristo, informado de que o presidente Valério, inimigo mortal do nome cristão, perseguia os fiéis em Beauvais com extraordinária crueldade, voou para lá, não duvidando encontrar a suspirada coroa do martírio. Com efeito, logo que chegou foi reconhecido por cristão e, tendo sido denunciado como tal no tribunal do presidente, foi encerrado por sua ordem num horroroso cárcere. Mas não bastaram para satisfazer a insaciável sede que tinha de padecer nem as incomodidades da prisão nem os tormentos que lhe fizeram sofrer nela. Perseverou preso e acorrentado até a morte do presidente Sérgio, sucessor de Valério, por cuja ocasião o puseram em

liberdade os mesmos cidadãos. Aproveitando-se dela, São Firmino pregou publicamente a fé de Jesus Cristo em Beauvais com tanta bênção e com tão felizes sucessos que se edificaram muitas igrejas. Percorreu depois toda a Picardia e uma parte dos Países Baixos com o mesmo zelo e com igual fruto, até que enfim entrou em Amiens, teatro destinado pela divina Providência para ditoso termo de suas apostólicas fadigas.

Logo que chegou, reuniu um rebanho de que ele mesmo foi o primeiro pastor. Nos três primeiros dias que pregou, converteu três mil pessoas. Não contribuíam pouco a tão admiráveis sucessos os milagres que acompanhavam sua pregação. Não havia resistência às palavras do apóstolo. Os ídolos caíam e faziam-se em pedaços a seus pés; os demônios deixavam os corpos que possuíam só com pôr-se diante de São Firmino; não havia enfermidade que no instante não curasse, invocando o nome da Santíssima Trindade. Era tão crescido o número dos prodígios que os gentios o tinham por algum deus, como em outro tempo o fizeram com São Paulo e São Barnabé. Ressoavam em toda a cidade o nome e as maravilhas do santo bispo. Chegou à notícia do governador da província, a quem alguns chamam Juliano, o que se passava em Amiens e mandou prender nosso santo. Tendo-o em sua presença, perguntou-lhe em nome de quem fazia os milagres. Ao que respondeu Firmino com santa intrepidez que em nome de Jesus Cristo, único Deus verdadeiro e Redentor de todos os homens. Tomando depois ocasião para falar-lhe a fundo de nossa sagrada religião, fê-lo com tanta valentia, com tanta eloquência e com tanta majestade que, enamorado o mesmo governador do que ouvia, mandou que o deixassem ir livre. Mas, apenas saiu do pretório, quando na mesma praça do palácio começou a pregar a religião; do que informado o governador, aceso e atiçado pelos senhores gentios que estavam perto de sua pessoa, ordenou que lançassem mão dele e o encerrassem num calabouço, onde consolou Deus maravilhosamente nosso santo, revelando-lhe que logo receberia o prêmio de seus trabalhos com a coroa do martírio. Assim sucedeu, porque no dia seguinte o governador, temendo alguma sedição, mandou cortar-lhe a cabeça no mesmo cárcere; o que aconteceu no dia 25 de setembro, e no mesmo se celebra sua festa em várias partes.

Certo senhor, chamado Faustiniano, a quem o santo havia convertido, achou meio de apoderar-se do corpo, que mandou enterrar numa de suas herdades, de onde pouco tempo depois foi trasladado a uma igreja que o mesmo São Firmino havia dedicado a Nossa Senhora. Por muitos séculos permaneceu desconhecido o santo corpo naquele lugar. Enfim, depois de uma longa série de anos, não sabendo já os cristãos onde parava aquele precioso tesouro, Sálvio, bispo de Amiens, homem de eminente virtude, resolveu descobri-lo e, para este fim, recorreu à oração. Convocou o clero e o povo, intimou um jejum geral por espaço de três dias e exortou a todos a que rogassem instantemente ao Senhor que lhes descobrisse o corpo de seu santo apóstolo, resolvendo ele mesmo não sair da igreja naquele tríduo, passando-o em contínua oração diante do Senhor. Ouviu Deus suas piedosas súplicas, porque no terceiro dia, antes de amanhecer, viu baixar da abóbada do presbitério um raio de luz que caía perpendicularmente atrás do altar-mor e ali se apagava; por onde fez juízo de que naquele lugar devia estar a santa relíquia. Com efeito, tendo mandado cavar nele, reconheceu que, segundo se ia aprofundando o buraco, se exalava dele um maravilhoso odor que encheu de suavíssima fragrância toda a igreja. Crescia esta conforme se ia aproximando o descobrimento do santo corpo, que se encontrou enfim no mesmo sítio onde havia estado oculto seis séculos antes. Assegura-se que quis o Senhor acreditar a realidade da sagrada relíquia com

um estupendo prodígio. É antiga tradição da igreja de Amiens que, tendo-se feito o descobrimento do santo corpo no coração do inverno, não obstante reverdeceu de repente todo o campo e as árvores apareceram todas cobertas de folhas. A igreja onde se achou a santa relíquia foi a de Santo Acheul, e dali se ordenou uma procissão geral para conduzi-la à catedral. Nunca viu Amiens triunfo igual nem mais cristã magnificência, tornando Deus mais célebre a piedosa pompa com a multidão de milagres que obrou por intercessão do santo mártir.

Martirológio Romano

Em Roma, os santos mártires Cláudio, oficial de alistamentos militares; Nicóstrato, secretário de prefeitura; Castório, Vitorino e Sinforiano, convertidos à fé por São Sebastião e batizados pelo presbítero São Policarpo. Estando a buscar corpos de mártires, mandou prendê-los o juiz Fabiano, que por espaço de dez dias empregou as ameaças e os rogos para movê-los a apostatar, sem poder obter deles a menor coisa. Vendo que nada conseguia, aplicou-lhes três vezes o tormento, mandando por último arrojá-los ao mar.

Em Durrës, na Albânia, os santos mártires Peregrino, Luciano, Pompeu, Nesíquio, Pápio, Saturnino e Germano, todos italianos, que, retirados naquela cidade durante a perseguição de Trajano, viram crucificar nela São Astio pela fé de Jesus Cristo e começaram a gritar que também eles eram cristãos. No ponto foram apanhados por ordem do governador e arrojados ao mar.

Em Alexandria, a festa de São Panteno, varão apostólico e dotado de grande sabedoria. Foi tão zeloso e apaixonado da palavra de Deus que, cedendo aos impulsos de sua fé e piedade, foi pregar o Evangelho de Jesus Cristo às nações mais longínquas do Oriente; e, enfim, de volta a Alexandria, morreu em paz no reinado de Antonino Caracala.

Em Bréscia, Santo Apolônio, bispo e confessor.

Na Saxônia, São Vilibaldo, primeiro bispo de Eichstätt, que, dedicado com São Bonifácio à pregação do Evangelho, converteu a Jesus Cristo muitos povos.

Em Clermont, na Alvérnia, Santo Aliro, bispo.

Em Urgel, na Catalunha, Santo Eudo, bispo.

Na Inglaterra, Santo Hedda, bispo dos saxões ocidentais.

No mesmo reino, Santa Aubierga, virgem, filha de um rei daquela nação.

Em Séez, São Sigisbaldo, bispo.

Em Auxerre, São Angelelmo, natural da Baviera.

Em Viena, São Eoldo, bispo.

No Egito, São Basenda, bispo e mártir.

Em Forconio, perto de Áquila, nos Abruzos, Santo Eusânio, presbítero.

Em Ravena, São João, o Angelopte, predecessor de São Pedro Crisólogo.

Em Como, São Cônsul, cujo corpo é venerado na mesma cidade.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Guillebaldi, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que, por ocasião da venerável solenidade do bem-aventurado Vilibaldo, vosso confessor e pontífice, se aumentem em nós a virtude e o desejo de nossa salvação. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 2 da carta do apóstolo São Tiago.

Tiago 2,14-17

> **Latim:** [14] Quid proderit, fratres mei, si fidem quis dicat se habere, opera autem non habeat ? numquid poterit fides salvare eum ? [15] Si autem frater et soror nudi sint, et indigeant victu quotidiano, [16] dicat autem aliquis ex vobis illis : Ite in pace, calefacimini et saturamini : non dederitis autem eis quæ necessaria sunt corpori, quid proderit ? [17] Sic et fides, si non habeat opera, mortua est in semetipsa.

Português: [14] Que aproveitará, irmãos meus, a hum que diz, que tem fé, senão tem obras? Acaso podello-ha salvar a fé? [15] Se hum irmão porém, ou huma irmã estiverem nús, e lhes faltar o alimento quotidiano, [16] e lhes disser algum de vós: Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos: e não

lhes derdes o que hão de mister para o corpo, de que lhes aproveitará? [17] Assim tambem a fé, se não tiver obras, he morta em si mesma.

Nota

«Escreveu esta epístola Tiago o Menor, chamado Irmão do Senhor; isto é, primo, segundo o estilo dos judeus, que tratam de irmãos os parentes imediatos. Dirigiu-a aos judeus convertidos à fé e dispersos por todo o mundo. O motivo ou a ocasião foi o abuso e a errada interpretação que davam muitos ao que havia dito São Paulo, de que a fé nos justificava diante de Deus. Declarou-lhes Tiago que a fé só não basta e que é preciso que seja acompanhada das boas obras. Escreveu-se esta carta pelo ano 62 de Jesus Cristo.»

Reflexões

Se alguém diz que tem fé e não tem obras, de que lhe serve? Não crer o que nos ensina a religião cristã é loucura; não viver conforme ao que se crê é o cúmulo da impiedade. É preciso que haja uma estreita união entre a fé e os costumes. Nossas obras hão de declarar nossa religião. Não se atende à voz de Jacó; olham-se as mãos para conhecer a pessoa. Só no teatro se sofre a farsa; em matéria de religião não se pode tolerar. Faz-se profissão de ser cristãos, isto é, de crer todas as verdades cristãs, e ao mesmo tempo leva-se uma vida inteiramente contrária às verdades que se creem. Pode haver loucura mais ímpia? Crê-se, é assim: porque é preciso confessar que entre os cristãos se duvida pouco na fé. Crê-se, é certo, porque a corrupção da vontade não se comunica tão facilmente ao entendimento. É alguém pecador, é vicioso, é dissoluto e conhece que o é, apesar de seus desordenados costumes; quando faz um pouco de reflexão sobre eles, não quisera sê-lo. Crê-se que há um Deus; porque, enfim, não há ateu verdadeiro. Crê-se que há inferno, isto é, um conjunto infinito, uma incompreensível complicação de todos os males, que todos juntos se padecem a um mesmo tempo e para sempre, sem esperança de que jamais se acabem nem se diminuam aqueles tormentos. Crê-se que basta um só pecado mortal para ser condenado por toda a eternidade. Crê-se que nosso grande e nosso único negócio é a salvação. Isto é pontualmente o que creem aquelas pessoas mundanas que vivem tranquilamente entregues à sensualidade e ao pecado; isto é o que crê aquela mulher cuja consciência é um caos e cujo ídolo é o mundo; isto é o que creem aqueles licenciosos cuja vida é uma contínua cadeia das mais enormes culpas; isto é o que creem esses escravos das diversões, que passam a vida numa eterna ociosidade e num contínuo esquecimento de Deus; esses avarentos, que sacrificam sua alma a um vil interesse; esses homens de negócios, que vivem e morrem sem pensar um só dia seriamente na eternidade. Todos estes creem a infinidade e a eternidade das penas; todos se amam muito, e ninguém quer ser condenado; mas vive-se tão cristãmente como é preciso para não o ser? E, ao ver o que se crê e como se vive, poder-se-á esperar a salvação prudentemente? Compõe esses costumes com essa fé, compara as verdades de nossa religião com nossa conduta e compreende, se é possível, este mistério de iniquidade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Marcos.

Marcos 12,28-33

> **Latim:** [28] Et accessit unus de scribis, qui audierat illos conquirentes, et videns quoniam bene illis responderit, interrogavit eum quod esset primum omnium mandatum. [29] Jesus autem respondit ei : Quia primum omnium mandatum est : Audi Israël, Dominus Deus tuus, Deus unus est : [30] et diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et ex tota anima tua, et ex tota mente tua, et ex tota virtute tua. Hoc est primum mandatum. [31] Secundum autem simile est illi : Diliges proximum tuum tamquam teipsum. Majus horum aliud mandatum non est. [32] Et ait illi scriba : Bene, Magister, in veritate dixisti, quia unus est Deus, et non est alius præter eum. [33] Et ut diligatur ex toto corde, et ex toto intellectu, et ex tota anima, et ex tota fortitudine, et diligere proximum tamquam seipsum, majus est omnibus holocautomatibus, et sacrificiis.

Português: [28] Então se chegou hum dos escribas, que os tinha ouvido disputar, e vendo que Jesus lhes havia respondido bem, lhe perguntou qual era o primeiro de todos os mandamentos. [29] E Jesus lhe respondeo: Que de todos o primeiro mandamento era este: Ouve Israel, o Senhor teu Deos he só o que he Deos: [30] E amarás o Senhor teu Deos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças. Este he o primeiro mandamento. [31] E o segundo semelhante ao primeiro he: Amarás ao teu proximo como a ti mesmo. Nenhum outro mandamento ha, que seja maior do que estes. [32] Disse-lhe então o escriba: Mestre, na verdade disseste bem, que Deos he hum só, e que não ha outro fóra elle. [33] E que o amaillo cada hum de todo o seu coração, e de todo o seu entendimento, e de toda a sua alma, e de todas as suas forças: e o amar ao proximo como a si mesmo, he huma cousa que excede todos os holocaustos e sacrifícios.

Meditação

Do amor ao próximo

Primeiro ponto

Considera que não se ama o próximo porque não se ama a Deus. O amor de Deus é o princípio e a medida do amor a nossos irmãos. Em vão se lisonjeia de virtuoso o que olha o próximo com frieza.

Se alguém diz que ama a Deus e aborrece a seu irmão, é mentiroso, e não há verdade nele, diz São João; porque o que não ama o seu próximo, como pode amar a Deus? *Este é um mandamento que nos vem de Deus*, conclui o Apóstolo: *o que tem amor a Deus, tem-no também a seu irmão.* Esta doutrina a aprendeu o amado discípulo de Jesus Cristo. *O sinal*, dizia o Salvador, *por onde todos conhecerão que sois meus discípulos será se vos amardes uns aos outros.* Esta caridade, este amor eficaz e verdadeiro é o que caracteriza os verdadeiros cristãos; e o amor de Deus é o que anima esta caridade. Este amor benéfico é o que infunde entranhas paternais para com todos os infelizes; o que inspira uma terna compaixão de todos os atribulados; as almas duras e insensíveis aos trabalhos dos outros também o são às impressões do Espírito Santo; seu divino fogo não aquece os corações de pedra. Que erro tão grosseiro, meu Deus, persuadir-se de que te ama, lisonjear-se de virtuoso o que conserva em seu coração certas aversões, o que fomenta certos secretos zelos, o que sente certa maligna complacência nas desgraças dos outros, alegrando-se interiormente quando os vê abatidos e humilhados! Tenhamos sempre na memória este oráculo, compreendamos bem sua alma e seu sentido: *Qui non diligit, manet in morte*: o que não ama o seu próximo vive em estado de morte. O amor que temos a nós mesmos há de ser a medida e como o modelo do que devemos ter aos demais. Alegram-nos muito nossas adversidades e nossos contratempos? Comprazemo-nos quando nos vemos abatidos? Desejamos ver-nos desprezados, estamos muito agradecidos aos que nos desacreditam e desonram? *Diliges proximum tuum sicut te ipsum*: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Bom Deus, quantas reflexões temos que fazer sobre este mandamento e sobre a maneira com que o guardamos!

Segundo ponto

Considera que o preceito de amar o próximo é semelhante ao de amar a Deus e, por conseguinte, tão indispensável um como o outro. São estes dois preceitos a base da lei e o alicerce da religião; qualquer destes dois pilares que falte, dá em terra o edifício. Lisonjear-se alguém de que ama a Deus quando não ama a seus irmãos é erro grosseiro. Ah, Senhor, e quantos vivem nele hoje! Aquela caridade pura, sincera, benéfica, universal (porque tal há de ser para ser verdadeira), esta cristã caridade, reina hoje em todos os estados, em todas as condições e em todas as famílias? Talvez jamais houvesse no mundo menos caridade. Desterra-a do coração de muitos o interesse, e apaga-a no de outros a paixão. Quando se viu mais estendida a emulação e a inveja? Nascem do puro amor de Deus essas aversões, essas amarguras, essas murmurações? E, ainda que teus irmãos fossem tão negros e tão malvados como te pinta a paixão, não era preciso amá-los, pois afinal são irmãos teus? E este amor não te devia mover a escusá-los ou ao menos a não desacreditá-los, para não lhes fazer cada dia maior dano?

Será a caridade cristã a que cria esse fel que se derrama em tuas palavras e se descobre até em teus olhos, fazendo-te ver defeitos até em suas mesmas virtudes? De onde pode nascer esse encarniçamento, esse gosto que achas em falar mal e em desacreditar em todas as ocasiões os que te ocasionaram algum desgosto, gente que talvez não viste em tua vida e que tem muitas belas prendas e é muito respeitável por outros mil motivos? Será alguém tão cego que creia obrar nisto por puro zelo da maior glória de Deus? Ignora que deve amar o próximo como se ama a si mesmo? É certo que não se nos escondem nossos próprios pecados; pois por que não nos moverá o zelo da glória de Deus a aborrecer-nos, a desacreditar-nos a nós mesmos? Esta é a ilusão tão

comum hoje a tantas gentes. O preceito da caridade cristã é essencial; a ninguém se dispensou jamais; suas obrigações são muito delicadas. Ah, meu Deus, e que matéria esta, a respeito de tantos e de tantas, para gemer e para temer!

Suplico-vos, Senhor, que me perdoeis minhas iniquidades neste particular. Confesso que sou réu e que nunca vos amei, pois não amei a meus irmãos. Espero em vossa misericórdia que de hoje em diante se conhecerá, por meu amor a meus próximos, que sou vosso discípulo e que vos amo de todo o meu coração.

Jaculatórias

> *Narrabo nomen tuum fratribus meis; in medio Ecclesiæ laudabo te.* Sl 21.

Sim, meu Deus, o amor que professar a meus irmãos lhes anunciará a glória de vosso santo nome; e no meio da congregação dos fiéis cantarei animosamente vossos louvores.

> *Tempus faciendi, Domine; dissipaverunt legem tuam.* Sl 118.

Já é tempo, Senhor, de que se observem com fidelidade vossos divinos mandamentos, particularmente quando tantos dissipam e desprezam vossa santa lei.

Propósitos

1. Não há coisa mais precisa nem mais clara que o preceito de amar nosso próximo; tem-no Jesus Cristo tão dentro de seu coração que por excelência o chama o grande preceito seu: *hoc est præceptum meum.* É erro prezar-se de discípulo seu o que conhece muito bem que não ama a seu próximo. Tem por certo que a falta de caridade condenará a muitos; não queiras tu entrar neste número. Ama a teus irmãos; mas não se fique teu amor em palavras; acredita-o com as obras; mostra-te sensível às misérias de todo o mundo; compadece-te de seus males, de suas fraquezas e até de seus mesmos defeitos; assiste-os com tuas esmolas, com teus conselhos, com teu crédito e com teus bons ofícios. Uma alma grande, abrasada no fogo do amor de Deus, a todo o mundo escusa. Longe de inflamar-te num zelo duro, amargo e fogoso, mostra entranhas paternais a todos e desconfia muito dos falsos pretextos de zelo. Se os defeitos dos outros fossem justo motivo para enconar o coração e para acender nossa cólera, que objeto de cólera e de ódio serias tu mesmo aos olhos de Deus!

2. Se não te achas em estado de manifestar teu amor ao próximo com bons ofícios, mostra-lho ao menos com tua conduta. Recebe e trata a todo o mundo com semblante risonho, com modo grato, usando com todos de modos cortesãos e aprazíveis. Sufoca em ti todo movimento de emulação, de inveja, de frieza e até de indiferença, seja com quem for.

Impõe-te uma lei de honrar e de estimar a todos; não sofras que em tua presença se fale mal de pessoa alguma; e, se não tiveres autoridade nem jurisdição para repreender os que o fizerem, mostra ao menos com teu silêncio e com tua seriedade quanto aquilo te desagrada; fala sempre bem de todo o mundo. A verdadeira caridade tudo escusa e está sempre ansiosa de fazer bem a todos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:01 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:02 by Admin